

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

**MARIA EDUARDA AIRES GUIMARÃES FIGUEIREDO BORBA**

**ALÉM DO SEXO**

Realidade da prostituição no Brasil

GOIÂNIA

2021

**MARIA EDUARDA AIRES GUIMARÃES FIGUEIREDO BORBA**

**ALÉM DO SEXO**

Realidade da prostituição no Brasil

Trabalho de conclusão de curso (TCC)  
apresentado a Escola de Comunicação da  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás,  
como parte dos requisitos necessários à  
obtenção de título de Bacharel em  
Comunicação - Jornalismo

Goiânia, 29 de novembro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Rogério Pereira Borges  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

---

Prof. Maria Carolina Giliolli Goss  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

---

Prof. Silvana Rodrigues Monteiro  
Pontifícia Universidade Católica

## **Agradecimentos**

A mim, por não ter entrado no mundo das drogas e do álcool, não ter cedido à depressão e, principalmente por não ter desistido.

Às minhas colegas de classe Andreina Gonçalves, Arieny Alves e Sarah Gandra, por terem compartilhado esse momento comigo, sempre apoiando uma as outras na execução do presente trabalho.

A Beatriz Medeiros Cintra, que durante todo o trabalho esteve presente na correção e na motivação para a conclusão do mesmo.

Ao meu professor, Rogério Pereira Borges, pelo suporte, correções, incentivo e por ter aceitado ser meu orientador.

Aos meus pais pelo cuidado e amor.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Educação não transforma o mundo. Educação  
mudas as pessoas. Pessoas mudam o mundo”.

(Paulo Freire)

## Resumo

No Brasil a prostituição não é crime, mas uma pessoa que vende prazeres sexuais e trabalha com o corpo precisa ser sua própria chefe, uma vez que as leis vigentes criminalizam quem que obtém lucro econômico vendendo seu corpo. A falta de legalização da profissão resulta na ausência de recursos e direitos é um dos aspectos abordados por este livro-reportagem, que se detém, com a coleta de depoimentos, pesquisas e análises de especialistas de várias áreas, uma vez que a prostituição é cercada por outros assuntos, também ligados ao machismo, à violência que essas pessoas que sofrem, ao abuso sexual, na infância inclusive, a desigualdade social, a discriminação a mulheres e homens que entram na prostituição para sobreviverem. O trabalho também debate a transfobia, refletida na grande quantidade de mulheres trans vivendo na prostituição e entre outros.

**Palavras-chave:** prostituição; livro-reportagem; preconceito; violência; transfobia

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 REFERÊNCIAS TEÓRICO</b> .....	9
2.1 PROSTITUIÇÃO.....	9
2.2 LIVRO-REPORTAGEM.....	21
<b>3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO</b> .....	25
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42
<b>ANEXO 1</b> .....	47

## **1.Introdução**

Este trabalho busca conhecer, narrar e discutir a realidade de pessoas que estão na prostituição no Brasil. A prostituição ainda é um tema que sofre com muitos tabus e por conta disso é desconhecido por grande parte da sociedade brasileira e pouco explorado pela mídia em geral.

Desde muito tempo, as mulheres e os homens que vivem nessa realidade sofrem com a marginalização do trabalho. Considerada a profissão mais antiga do mundo, a prostituição e os chamados “programas sexuais” são até hoje, no século XXI, tratados como errados, pecaminosos, “sujos”, fora do padrão, que não merecem respeito nem importância.

A invisibilidade desse grupo coloca obstáculos na garantia de seus direitos, além de reforçar o preconceito e o isolamento que esses indivíduos enfrentam em suas realidades e ciclos sociais. Na maioria das vezes, a existência dessas pessoas é ignorada.

O livro-reportagem *Além do Sexo* busca, em primeiro lugar, trazer ao público a realidade dos trabalhadores sexuais no Brasil. Ao mostrar histórias reais, buscamos humanizar a luta desses indivíduos por direitos, como forma de contribuir para a garantia de que sejam exercidos corretamente. Ao trazer o esclarecimento sobre a legalização da prostituição no Brasil e a história da profissão, juntamente com a opinião de pessoas que trabalham diretamente ou indiretamente com garotos e garotas de programa, como por exemplo, profissionais da área da saúde, advogado, antropóloga e voluntários em ONG's dedicadas à área, procuramos familiarizar os leitores com o tema, acreditando que o conhecimento pode minar o preconceito e a ignorância nos quais muitos de nós ainda nos encontramos quanto ao assunto.

Não existe um número, uma pesquisa que forneça com exatidão a quantidade de pessoas na prostituição no País, mostrando o quanto esse grupo carece de mais estudos para conseguir maior visibilidade quanto aos seus problemas e às suas demandas. Porém, em 2021, o site de notícias UOL fez uma matéria relacionada ao crescimento da prostituição em São Paulo durante a pandemia. “Mulheres que perderam emprego na pandemia recorrem à prostituição em SP” é o título da reportagem, o que, seguramente, reflete a realidade também em outros Estados da federação.

Com um número grande de pessoas atuando na área, é inaceitável o silêncio de boa parte dos veículos de comunicação sobre o assunto, principalmente pelo fato de a prostituição vir carregada de problemas, como a transfobia, a desigualdade social, o machismo, o abuso sexual infantil, o tráfico de pessoas e outros dramas que precisam estar na pauta, juntamente com o

trabalho sexual. Nessa perspectiva, este livro-reportagem buscou contemplar essas muitas facetas da questão, como as lutas por direitos trabalhistas, acesso à saúde e à educação.

Existem muitos países que implementaram leis voltadas para profissionais do sexo, mas no Brasil os olhos se fecham para essas pessoas. Em muitos casos, é um grupo que sofre violências que não podem ser denunciadas, que adquire doenças que não consegue tratar, que encontram mais dificuldades para obter emprego. Tudo isso advém de preconceitos e estigmas que existem sobre quem atua no ramo.

É por isso que este trabalho busca ouvi-los, narrar suas histórias e trajetórias da forma mais fiel possível, deixando que apareçam os sentimentos e fragilidade de cada personagem, mostrando que o mundo da prostituição é muito maior do que simplesmente vender prazer sexual. No Brasil a prostituição não é legalizada, abrindo caminho para todo tipo de abuso trabalhista, sem que os profissionais tenham férias, feriado, vivendo em um estado de vulnerabilidade muito acentuado, com maior risco de contrair uma IST (infecção sexualmente transmissível), sendo alvo de violências, abusos, sem encontrarem meios eficientes de denúncia, sem contarem com instâncias mais institucionalizadas para os defender.

Cada uma das fontes entrevistadas conseguiu retratar, através da própria experiência, as diferentes barreiras enfrentadas nesse universo. Garotas e garotos de programa expuseram algumas de suas vivências, médicos e enfermeiros que atendem essas pessoas e veem o preconceito ao seu redor detalharam as dificuldades do trabalho que desenvolvem, psicólogos que atuam diretamente com esses profissionais relataram seus maiores desafios para ajudá-los, advogados que veem a injustiça na legislação apontaram o que precisaria ser feito para melhorar o quadro e antropólogos que estudam a invisibilidade desse grupo no país analisaram as razões para que essa realidade exista.

Para o desenvolvimento do projeto, em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Foram lidos artigos e estudos da história da prostituição, de como ela é no Brasil atual, como são as leis por aqui e também em outros lugares do mundo, livros sobre a trajetória das mulheres, que constitui a maioria das pessoas que estão na prostituição, além de filmes e series que retratam a vida dessas pessoas, notícias veiculadas na imprensa que mostram a violência, além de documentários e lendas populares acerca das prostitutas.

Após a busca pelo conhecimento científico, foram realizadas três entrevistas com pessoas que trabalham se prostituindo no Brasil. Devido à distância geográfica das fontes e da pandemia pelo Coronavírus, as entrevistas foram feitas online, por meio de vídeo no aplicativo de mensagens instantâneas. Foi oferecida às fontes a opção de terem suas identidades



preservadas em razão da sensibilidade do tema e por isso foram usados os pseudônimos Lucas, Flávia e Jessica em seus depoimentos. Além dos personagens, foram feitas entrevistas com uma psicóloga, Patrícia de Souza, que trabalha em uma ONG voltada para a educação de travestis e transsexuais, onde a maioria dos atendidos está em prostituição, professoras de Enfermagem, Bruna Paulino e Bruna Miranda, que trabalham com prostitutas e transsexuais, alunos também de Enfermagem, Helyab Nurya, Anna Luiza Cunha e Gabriel Francisco, que tiveram contato com pessoas em prostituição, com um advogado, Alexandre Pinheiro, que trabalha com direitos humanos, uma antropóloga, Lucia Lobo, que fala sobre a origem da prostituição e machismo e, por fim, com uma ONG, Astral, voltada para luta política da prostituição.

As entrevistas foram feitas de forma semiestruturada com as fontes, com relatos orais e transcritos. Durante a escrita, a autora usou uma linguagem mais literária em certos trechos.

Para escolher as fontes, foram levadas em consideração a peculiaridade de suas histórias. A intenção era fazer um livro que, por mais que conte histórias de um mesmo grupo, trouxesse narrativas diferentes para enriquecer o material. Assim, cada um dos personagens, por meio de suas vivências, abrange um aspecto de como é ser garota e garoto de programa no Brasil, conta como chegou nessa profissão, detalha a reação na família e de amigos ao saberem da escolha, como são os clientes e o que gostaria que as pessoas ouvissem deles. Além dos personagens, o livro busca mostrar desde o início como surgiu essa profissão, como era vista antes, como é enxergada atualmente, as diferentes formas que ela tomou. Por outro lado, mostra leis e marginalização vividas por esse grupo, fala sobre Gabriela Leite, uma figura importante na luta das profissionais do sexo, mostrando porque a história dela foi inspiração para uma lei, mostrando também a violência sofrida por mulheres, sem citar nomes de agressores e assassinos para dar enfoque somente nas vítimas. O trabalho mostra também como a prostituição está ligada a transfobia, uma vez que mulheres trans não têm espaço no mercado de trabalho devido ao preconceito, à falta de estudos em alguns casos, já que não terminam a escola por serem expulsas de casa ou por sofrerem discriminação em sala de aula. O livro revela a importância de lutas por direitos das profissionais do sexo, terminando por contar como a prostituição sempre esteve retratada no meio artístico, em novelas, séries, filmes, livros e músicas.

Após as entrevistas, a autora escreveu os capítulos do livro optando pela narração intrusa, colocando, em alguns pontos, análises, comparações, ou até mesmo suas próprias percepções sobre as pessoas e situações. A ideia era dialogar com o leitor para que, ao ler essas histórias, ele seja levado a uma reflexão mais profunda, lembrando sempre que são histórias reais e documentos que espelham o quanto precisamos evoluir enquanto sociedade.



## 2. Referencial teórico

### 2.1 - Prostituição

Não existe nenhuma pesquisa oficial que mostre o número de pessoas em prostituição atualmente no Brasil, entretanto, em 2010, a TV Band, em seu programa “A liga”, apresentou dados, deixando evidente que é uma questão social. Existiam em 2010, 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil) de profissionais do sexo no Brasil, sendo que desses 78% (setenta e oito por cento) eram mulheres. Na época, 87% (oitenta e sete por cento) da prostituição acontecia na rua e 90% (noventa por cento) das pessoas que trabalham com prostituição queriam ter outro trabalho. (BAND, 2010)

No Brasil, a prostituição não é crime, mas por outro lado também não é legalizada, ou seja, uma pessoa pode vender prazeres sexuais e trabalhar com o corpo, desde que seja sua própria chefe. No entanto, a prática do rufianismo, prevista no Código Penal Brasileiro, criminaliza aqueles que obtém lucro econômico acerca de quem pratica a prostituição, independente do sexo. Senão vejamos:

Art. 230 - Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça. (BRASIL, 1940)

A falta de legalização da profissão resulta na ausência de recursos e direitos, fazendo com que existam rufiões, popularmente chamados de cafetões e cafetinas, que trabalham com a exploração de trabalhadores sexuais, justamente pela falta de regularização e existência de direitos trabalhistas.

Além disso, o Brasil, mesmo sendo um estado laico, tem forte influência cristã, o que reforçou, ao longo da história e nas mentalidades, a ideia da prostituição como algo reprovável, um pecado. Em razão disso, o profissional do sexo sofre diversos preconceitos e é bastante estigmatizado, inclusive pelo fato de haver uma associação do senso comum entre esse grupo e infecções sexualmente transmissíveis. Do século XVI, quando aconteceu a epidemia da sífilis, até 1987, quando começou a epidemia de AIDS, prostituição e alguns tipos de doenças sexualmente transmissíveis pareceram andar juntas no imaginário. A Igreja também usou desse argumento para controlar os desejos sexuais das pessoas.

A marginalizam da prostituição parte não só dos cristãos, como também muitas pessoas da sociedade que professam outros credos. Tanto que, em pleno século XXI, a profissão tida como a mais antiga do mundo ainda não é regulamentada. O preconceito com esses

profissionais é tanto que nem a violência que sofrem, conseguem denunciar, como relata a reportagem realizada pela Câmara Municipal de BH intitulada de “Profissionais do sexo denunciam falta de estrutura para atender casos de violência” (Câmara Municipal: A voz da cidadania, Belo Horizonte, 2019). Segundo Fátima Moreira, do Clã das Lobas, entidade fundada por trabalhadoras sexuais da capital de Belo Horizonte, em entrevista dada ao jornal “Câmara Municipal: a voz da cidadania BH” aponta que o atendimento público às prostitutas tem se pautado pelo preconceito. (Profissionais do sexo denunciam falta de estrutura para atender casos de violência, 2019. Câmara Municipal: a voz da cidadania, Belo Horizonte, 2019)

A sociedade faz parecer que agressão é parte do trabalho do garoto e/ou garota de programa, que não existe estupro nesse meio e que tudo de ruim que o profissional passa se deve ao fato de pedir por isso, afinal, estão trabalhando com algo que foge dos padrões morais intrínsecos.

O que muitos não veem é que a prostituição está embutida em várias outras questões sociais como, por exemplo, o abuso sexual infantil, a desigualdade social, o machismo, a homofobia, a transfobia, a falta de escolaridade, o desemprego, e muitos outros problemas. Uma pesquisa feita em 2014 pelo Centro de Referência da Mulher (LIRA et. all, 2017) na região do semiárido do Estado de Pernambuco mostra as consequências do abuso familiar infantil na vida adulta de mulheres, entre as quais estão problemas na esfera sexual e dificuldades nos relacionamentos afetivos, sendo que uma alteração frequentemente identificada em meninas menores abusadas sexualmente é o comportamento sexual inadequado para a idade, situação que pode levá-las à prostituição.

Outro dado é que se estima que 90% da população trans no Brasil tem a prostituição como fonte de renda e única possibilidade de subsistência. Esse índice é causado por diversos fatores, dentre eles a dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho. Além da deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social, familiar e escolar. Os dados são da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e mostram ainda que, em média, pessoas desse grupo são expulsas de casa pelos pais aos 13 anos. Informações do Projeto Além do Arco-Íris/AfroReggae apontam que apenas 0,02% (zero vírgula zero dois por cento) estão na universidade, 72% (setenta e dois por cento) não possuem o ensino médio e 56% (cinquenta e seis por cento) o ensino fundamental. (MACEDO, 2021).

Esses homens e mulheres não se descobrem depois dos 18 anos, depois de terminar a escola, depois de conseguir um emprego, eles se descobrem durante o seu desenvolvimento, conseqüentemente, na escola, geralmente no Ensino Médio, assim como todo adolescente. Em razão disso, são adolescentes rejeitados pelos pais, que sofrem no meio escolar, que desistem

dos estudos, não têm onde morar e encontram dentro da prostituição uma alternativa de sobrevivência, nem sempre por opção, mas sim pela falta dela.

A psicóloga e coordenadora do grupo de apoio a transexuais do Hospital Universitário de Brasília (HUB), Sandra Romero Studart, fala em entrevista para a Agência Brasil, sobre como os transexuais se veem diferentes desde a infância, com 4 ou 5 anos de idade:

Vão percebendo que estão fora daquele modelo de gênero que é cobrado deles. O menino tem que brincar com a bola, a menina, com a boneca. Hoje já se transita isso de uma forma diferente. O masculino e o feminino transitam em todas as áreas sem tanta pressão. Não que seja fácil para essas pessoas, mas acho que, se compararmos com antigamente, as pressões para assumir a sua identidade, sua orientação, elas vêm bem menos sofridas” (STUDART. apud CAZZARÉ, 2015).

Existem diversas formas de prostituição, entre as quais estão as de rua, de casas de shows, de tráfico de pessoas, de book rosa, através de agências de modelos. Para Beth Fernandes, Presidente do Conselho Municipal do Direito da Mulher de Goiânia e Coordenadora da ONG ASTRAL, entrevistada para o livro objeto deste trabalho científico, a prostituição acontece até dentro de casa:

Existe a prostituta do público e a do privado. A do público é a da rua chamada de puta, mas a do privado é aquela mulher que às vezes tem que fazer sexo com o companheiro sem desejar, com dor de cabeça, depois de trabalhar, ter que lavar, passar, cozinhar e fazer sexo obrigatório. Isso é uma forma de prostituição para manter um filho, uma casa, um relacionamento com um companheiro, isso é a prostituição no privado. A pública é a que fica lá na esquina e diz: ‘É isso que eu cobro, você quer?’. Ela será tratada como uma puta, a outra não, (entrevista à autora em 2021).

Um levantamento feito pelo R7 mostra que 37% (trinta e sete por cento) dos estupros registrados em 2017, (CAVICCHIOLI, 2017). em que havia parentesco entre agressor e vítima, foram cometidos pelo marido ou ex-marido da vítima. Amostragem feita pela reportagem em delegacias da cidade mostra que em ao menos 90% (noventa por cento) dos casos o abuso foi cometido pelo atual companheiro e 10% (dez por cento) por um ex. (CAVICCHIOLI, 2017).

Sempre fomos expostos à prostituição, ela está nas peças de teatro, nos filmes, nos livros, nas séries, nas novelas, até na Bíblia existe a figura da prostituta. Ora vejamos:

E eis que uma mulher da cidade, que era uma pecadora, quando soube que ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com bálsamo e colocou-se a seus pés por trás dele, chorando, e começou a lavar seus pés com lágrimas, e os enxugava com os cabelos de sua cabeça, e beijou seus pés, e os ungiu com o unguento... E ele disse a ela:

‘Os teus pecados estão perdoados’. (BÍBLIA SAGRADA, 2002, p. 1.321)

A passagem supramencionada fala sobre Maria Madalena citada nominalmente 17 (dezessete) vezes na Bíblia. Ao que tudo indica, era uma entre tantas pessoas que se encantaram com as pregações de Jesus e passaram a segui-lo. A principal pista sobre sua origem está no nome: originalmente, Maria de Magdala, ou seja, nascida em Magdala, uma vila de pescadores próxima ao mar da Galileia, localizada a dez quilômetros de Cafarnaum, cidade que foi a base de Jesus na vida adulta (VEIGA, 2018).

Portanto, não é da modernidade a figura da prostituta. Talvez o nome seja moderno, a denominação, mas não a profissão da mulher ou do homem que vende prazer sexual, até porque os primeiros traços que hoje vemos como prostituição começaram quase junto com as civilizações, ainda na Mesopotâmia. Lá, a sociedade acreditava em deuses que tinham forma humana, eram homens ou mulheres, e reagiam a estímulos com razões e emoções. Eram considerados imprevisíveis, mas, ao contrário do ser humano, eram imortais e, como reis em seus templos sagrados, tinham um esplendor, uma aura. Com essa imortalidade, muitos acreditavam que eles reencarnavam em outras pessoas. Diante disso, existiam algumas festividades, como os rituais de fertilidade, nas quais se acreditava que a mulher se reconectava com seu *animus*, e o homem com sua *anima*. E existiam as sacerdotisas do amor (chamadas de prostitutas sagradas em outros livros e textos, como os do historiador grego Heródoto, o pai da História) que se reconectavam com sua essência num êxtase onde se misturavam as dimensões físicas, espirituais, emocionais e místicas. Nos rituais, a mulher se “prostituía” em nome da deusa Ishtar, deusa do amor, e do sexo. (FELIX, 2009)

Com o passar do tempo, a prostituição parou de ser vista como sagrada e começou a ser encarada como profana. A Grécia foi o primeiro local a cafetinar mulheres, ainda no século IV a.C.. Na capital, Atenas, ocorreram os primeiros relatos de bordéis por volta de 594 a.C.. A prostituição era uma componente da vida cotidiana dos gregos antigos. As cidades gregas mais importantes, e em particular as que tinham portos, empregavam uma parte não negligenciável da população, representando uma atividade econômica de relevo. A prostituição não era clandestina: as cidades não a puniam e os bordéis trabalhavam à vista da população. A prostituição era controlada pelo estado, que cobrava altos impostos. (AFONSO, & SCOPINHO, 2013, p. 2)

Esse modelo grego permitiu o acesso sem impedimento à lei por profissionais do sexo sem medo de incriminação, e isso certamente foi um grande negócio para manter todo o mercado dentro de padrões legais. Como resultado, o crime concomitante estava ausente:

ninguém precisava estabelecer organizações clandestinas, ligar prostitutas às drogas para ter um controle mais fácil sobre elas ou subornar funcionários corruptos. (AFONSO, & SCOPINHO, 2013, p. 3)

A experiência histórica da Grécia Antiga sugere que os modelos proibicionistas serão sempre ineficazes, inexecutáveis e cruéis.

No passado, essas mulheres eram vistas como um “mal necessário”, com as quais os homens poderiam se “aliviar”. Autores e autoras pesquisaram essa visão, como Mary Del Priore, que retrata em seu livro “Sobreviventes e Guerreiras” que o adultério masculino era necessário ao bom funcionamento do sistema. (DEL PRIORE, 2020, p.119)

Com o tempo, essa visão da mulher livre foi sendo mudada por outras religiões e culturas que cresceram bastante. Como, por exemplo, o Judaísmo, que foi a primeira religião monoteísta da história da humanidade, com mais de três mil anos de existência. O Judaísmo é uma das grandes religiões abraâmicas. Segundo a tradição judaica, Deus teria realizado um pacto com os hebreus, tornando-os o povo eleito que desfrutará da terra prometida. (BEZERRA, 2020)

Esse pacto se deu com Abraão e sua descendência e se fortaleceu com a revelação das Leis divinas à Moisés, no Monte Sinai. Os Dez Mandamentos foram, então, leis que de acordo com a Bíblia foram escritas por Deus, o criador, em pedras. Várias outras religiões vieram e também usavam os Dez Mandamentos, como, por exemplo, o Cristianismo, que surgiu no século I e tem como base a Bíblia. Este livro sagrado é dividido na criação do mundo, leis e tradições, e a segunda parte conta a história de um menino, Jesus, que veio na terra para salvar as pessoas e ensinar sobre o amor. Na Bíblia também está apoiado o preconceito contra mulher.

Na Bíblia Sagrada, não diferente dos valores de outras religiões que antecederam o Cristianismo (onde também estão os livros do Velho Testamento, com os patriarcas do Judaísmo), sexo antes do casamento, também chamado de fornicação, é pecado, e a imagem da mulher é de submissão ao marido, pai, aos irmãos, enfim ao homem. O Cristianismo é a maior religião do mundo até hoje, com cerca de 2.106.962.000 (dois bilhões cento e seis milhões e novecentos e sessenta e dois mil) seguidores. Sendo assim, desde muito, seus dogmas e doutrinas são repassados e alcançam um percentual considerável da sociedade.

Com todo esse poder, o Cristianismo tornou-se a religião predominante de muitos continentes, entre eles o europeu, que sempre buscou a catequização, ou seja, expandir seus ensinamentos por todas as partes do planeta. Logo, exerceu seu papel fundamental acompanhando as Grandes Navegações Marítimas Europeias, termo usado para se referir às várias expedições marítimas organizadas nos séculos XV e XVI, principalmente por Portugal e

Espanha. Elas ajudaram a marcar a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, resultaram na descoberta de um novo continente a ser explorado pelos europeus, a América, onde está localizado o Brasil. Aliás, a difusão do Cristianismo foi um dos motivos para o empreendimento marítimo europeu a partir do século XV. (CARVALHO, s/d)

Com os séculos se passando, as revoluções, as descobertas de novos continentes e novas civilizações, a prostituição foi se expandindo pelo globo. No entanto, anos depois, continuamos a não ter no Brasil uma posição exata sobre essa atividade e a pessoa que a exerce, visão não muito comum de países que têm economias emergentes. Diferente de países que têm economias fortalecidas, altos índices de industrialização, elevado nível tecnológico e outros, como Alemanha, França, Áustria, que debatem e se posicionam, sobre o tema desde muito tempo.

Na Holanda, por exemplo, existe um bairro, “O Bairro Vermelho”, que está situado na parte antiga de Amsterdam e é o mais visitado pelos turistas que, curiosos, se aproximam atraídos pelo prazer do proibido. Já na Idade Média, os bordéis de Amsterdam eram administrados pelo Xerife e seus homens de confiança. No século XVII apareceram as primeiras vitrines nessa zona. Nessas vitrines, as prostitutas oferecem seus serviços e também geram uma grande expectativa entre os visitantes.

Esse posicionamento mais liberal foi desenvolvido durante a revolução industrial, um período de grande avanço tecnológico, que ocorreu na segunda metade do século XVIII e que permitiu o desenvolvimento da indústria moderna. Esse desenvolvimento ocasionou severas transformações no processo produtivo (a maquinofatura substituiu a manufatura) e nas relações de trabalho, alteradas com a proletarização do trabalhador. (SILVA, s/d). Na pós-revolução industrial, os baixos salários e a desvalorização da mulher no mercado empurraram muitas delas, que pertenciam à classe média trabalhadora, para a prostituição. Já no Brasil, no século XIX, a prostituição veio junto com a escravidão e se misturava ao trabalho doméstico feito por mulheres pretas. Segundo a autora Mary Del Priore, o médico Lassance Cunha assegurava em um estudo intitulado “A prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro”, que havia três classes de meretrizes na capital do Império: as aristocráticas ou de sobrado, as de “sobradinho” ou de rótula e as da escória. As primeiras instalavam-se em bonitas casas, forradas de reposteiros e cortinas, espelhos e indefectível piano, símbolo da casa burguesa. Essas mulheres eram mantidas por ricos políticos e fazendeiros, sendo elas famosas atribuíram poder aos homens que as sustentavam. As francesas, sucedidas pelas polacas, elas trazem na bagagem a palavra “trottoir”. Na época dormir com uma francesa era dormir com a própria França. Ou seja, havia as “cocottes” e as polacas. As primeiras representavam luxo e ostentação, já as



segunda substituíam as ‘mulatas’ e portuguesas, representavam a miséria. (DEL PRIORE, 2020 p. 121).

A classe trabalhadora crescia, sindicalizava-se, aderiu a ideais políticos mais revolucionários e a uma cultura sexual mais liberal, fazendo com que a burguesia se sentisse ameaçada. Como resposta, a classe média/burguesia buscou expandir para a classe trabalhadora seus ideais de moralidade: adoração ética do trabalho e controle da sexualidade, sustentados na família nuclear patriarcal. Neste contexto, entre o final do século XIX e o início do século XX, não havia lugar para a prostituta, e a repressão a ela, em âmbito internacional, intensificou-se. Nas capitais, preguiça, luxo e prazer se opunham a valores familiares de trabalho, poupança e felicidade. (AFONSO, & SCOPINHO, 2013, p. 4)

Como diz a antropóloga entrevistada para o livro objeto deste trabalho, Lucia Lobo:

Desde os fins do século XIX, as ondas feministas se sucedem na defesa da liberdade feminina, que concretiza não só nos discursos, mas em ações. Escreve Simone de Beauvoir: ‘Sem culpa ou desculpa te desafio a responder, depois de décadas de luta pela liberação feminina, o que nós mulheres fazemos com o que a vida faz de nós?’ Aí eu jogo para o mundo das prostitutas. Hoje nós já temos nesse mundo da prostituição um seguimento que não é tão vulnerável, porque você tem as prostitutas que estão extremamente em vulnerabilidade, sofrem todo tipo de preconceito, estereótipo de exclusão, que são sujeitos invisíveis, mas você também tem a categoria das prostitutas filhas da classe média, filhas da elite, que acabam circulando em todos os espaços da sociedade, que têm autonomia econômica, têm autonomia intelectual, trazendo mais respeito pra esse grupo” (entrevista à autora)

Muitas coisas se modificaram até os dias atuais. Em 1934, as mulheres tiveram direito ao voto, em 1962 teve a pílula anticoncepcional, em 1977 o divórcio foi instituído oficialmente, em 1999 a pílula do dia seguinte, hoje as mulheres podem trabalhar. Uma sociedade que se diz tão menos conservadora, em um mundo que apresenta ter tão menos preconceitos, por que ainda existe tanta marginalização com profissionais do sexo?

Conforme já mencionado, a legislação penal brasileira, não considera prostituição como crime, mas sim as atividades que se desenvolvem em torno. Os padrões morais predominantes, colocam uma série de restrições na atividade, em principal ao exercício público. Esta condição faz com que a prostituição seja constantemente ligada à desordem pública, o que implica na frequente intervenção policial, que é o órgão responsável pela manutenção da ordem.

Sobre o tema, o decreto 1.034A, de 01/09/1892, atribui ao Chefe de Polícia "ter sob sua vigilância as mulheres de má vida". Em 05/02/1902, o decreto 4.763 dispôs que cabia aos delegados urbanos e suburbanos essa vigilância, "da forma que julgar mais conveniente ao bem-

estar da população e à moral pública". Em 1907, os decretos legislativos 1.631 e 6.440 destinaram essa função aos Delegados de Polícia. Uma vez que a prostituição não era matéria do Código Penal, a atuação do poder do Estado sobre ela estava a cargo da própria polícia, que a criminalizava por sua prática cotidiana. (MAZZIEIRO, 1998)

No Brasil, mesmo que a atividade sexual remunerada seja inserida na Classificação Brasileira de Ocupação, não há nenhuma regulamentação oficial que garanta a segurança para a vida de mulheres que vivem nessa situação. A falta de regulamentação e/ou de políticas públicas direcionadas a este público acaba, justamente, deixando prostitutas em situação vulnerável, tendo seus direitos pessoais e constitucionalmente fundamentais frequentemente violados.

Em 1997, a Comissão do Trabalho, na Câmara dos Deputados, analisou o projeto de Lei N.3436, do deputado Wigberto Tarture (PSDB-DF), que propunha a definição de regras para o exercício da atividade e a garantia do direito à aposentadoria pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) das profissionais do sexo brasileira. Como resultado inequívoco das transformações sociais anunciadas, prostituição passou a constar na classificação Brasileira de ocupações de 2012 (CBO) como um ofício legal e assim permanecendo

O Código Brasileiro de ocupação de 2012, regulamentado pela portaria do Ministério do Trabalho nº 397, de 9 de outubro de 2012, para uso em todo território nacional. Regulamento da seguinte forma, os profissionais do sexo:

CBO 5198: Profissionais do sexo. CBO 5198-05 - Profissional do sexo - Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissionais do sexo), Travesti (profissionais do sexo).

[...]

I – Condições gerais de exercício trabalham por conta própria, na rua, em bares, boates, hotéis, rodovias e em garimpos, atuam em ambientes a céus abertos, fechados e em veículos, horários irregulares. No exercício de algumas das atividades podem estar expostas à inalação de gases de veículos, a poluição sonora e a discriminação social. Há ainda riscos de contágios de DST e maus – tratos, violência de rua e morte.

II – Formação e experiência, para o exercício o profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre o sexo seguro, oferecidas pelas associações da categoria. Outros cursos complementares de formação profissional, como, por exemplo, curso de beleza, de cuidados pessoais, de planejamento de orçamento, bem como cursos profissionalizantes para rendimentos alternativos também são oferecidos pelas associações, em diversos Estados. O acesso à profissão é livre aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na figura de quarta a sétima série do ensino fundamental. O pleno desenvolvimento das atividades ocorre após dois anos de experiência.

III – ÁREAS DE ATIVIDADES: A - Batalhar programa; B - Minimizar as vulnerabilidades; C - Atender Clientes; D - Acompanhar Clientes; E

- Administrar orçamentos; F - Promover a organização da categoria; G
- Realizar ações educativas no campo da sexualidade (BEZERRA, 2015)

Outro projeto que tramitou entre 1998-2003, que dispunha sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprimia do Código Penal os Artigos 228, 229 e 231, defendido pelo movimento organizado de prostitutas e encaminhado pelo Deputado Federal Fernando Gabeira (Partido Verde), recebeu parecer contrário da Câmara, em 2007. Curiosamente, no mesmo ano, o Ministério da Cultura liberou aproximadamente quatro milhões de reais para a produção cinematográfica da biografia de uma “garota de programa”. Posicionamento notadamente contraditório. (BEZERRA, 2015)

Atualmente existem projetos para a criminalização ou regulamentação da prostituição, visando mudar o olhar jurídico brasileiro.

O primeiro veio em 2011, com o deputado João Campos, com o projeto de lei 377 que propunha a criminalização de serviços sexuais aos moldes suecos, país onde a prostituição é expressamente proibida. A proposta do, na época deputado, era alterar o referido Código Penal (Decreto-Lei 2.848/40) e passar a prever pena de um a seis meses de detenção para quem praticar ato de pagar ou oferecer pagamento a alguém pela prestação de serviços de natureza sexual. (BRASIL, 2011).

Proposta idêntica, foi apresentada pelo ex-deputado Elimar Máximo Damasceno, e arquivada no final da legislatura passada. Em 2012, veio a proposta do Deputado Jean Willys, com o projeto de Lei “Gabriela Leite”, pretendendo regularizar a profissão e garantir direitos sociais, tendo como base a legislação alemã.

Ao escolher esse tema, foi aceito o desafio de encontrar esses indivíduos e, de forma ética e respeitosa, entrevistá-los com o intuito de conhecer suas histórias, de como é ser garoto e garota de programa no Brasil. Antes do processo de apuração, a intenção do trabalho era a de mostrar como a prostituição é tratada no país, como começou e tudo que está por trás do programa, como a violência, os preconceitos entre outros já citados. Durante as entrevistas e pesquisas, entretanto, foi readequado o foco já que se notou a existência de uma luta por direitos, por voz e pautas que não têm a devida atenção do Governo.

## **2.2 – Livro-reportagem**

O papel desenvolvido pelo jornalismo vai muito além da divulgação de conteúdos informativos. No que antes era esperado uma imparcialidade, hoje já é possível notar um meio mais engajado em questões sociais e opinativo, principalmente no contexto atual de pandemia

em que a atividade precisou trabalhar em certos aspectos sozinho, como, por exemplo, no levantamento do número de casos e mortos de cada Estado, pois essa informação não era mais repassada de forma centralizada. Além disso, a profissão jornalística tornou-se peça-chave para o desenvolvimento e amadurecimento de um estado democrático.

Garantido no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o direito fundamental do cidadão à informação presente no artigo 1º é reforçado no artigo 2º:

Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por quê: I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público;

III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão;

IV - a prestação de informações pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não governamentais, é uma obrigação social.

V - a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante. (FENAJ, 2007).

O jornalismo precisa reforçar sua importância produzindo conteúdos de interesse público que não apenas informem, mas levem a sociedade a ter condições de conhecer e analisar pautas relevantes. Tendo em vista essa responsabilidade inerente à profissão, é dever do jornalismo fazer um trabalho humanizado que aproxime a sociedade e traga à luz temas que ainda não foram ou não são devidamente contemplados. Como diz Marcelo Bulhões em seu livro “Jornalismo e Literatura em Convergência”, durante o século XX o real passou a ser visto como um problema, mas durante o século XIX, os mitos, lendas e a religião perderam força, momento em que o jornalismo teve uma intensa participação reatando “confiança na atitude de uma conexão direta com a realidade, sem intermediações ou temor para se transformar o homem e reformar-se a ordem social” (BULHÕES, 2007, p. 22)

Nas mídias tradicionais que trabalham com jornalismo diário, o tempo de apuração sempre foi mais focado nas notícias, ou seja, informação mais rápida, com o enquadramento mais informativo. Dessa forma, temas que careciam de maior pesquisa, apuração, na maioria das

vezes, não chamavam a atenção do mercado, ficavam de fora das reuniões de pauta organizadas pelos editores e repórteres nos veículos.

Com o desenvolvimento da tecnologia da comunicação, o que antes eram apenas jornais impressos, transformou-se em veículos multimídia, com presença em plataformas audiovisuais via internet. Logo, a forma de produzir o jornalismo foi se transformando e tomando diferentes faces para se enquadrar nos variados meios de divulgação.

As mudanças do jornalismo garantiram a sobrevivência dele através da interatividade. Andréia Terzariol Couto fala no seu livro “Livro-reportagem- Guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo” sobre as mudanças do jornalismo. Segundo ela, novos conceitos a respeito surgiram ainda nos anos 1960, época em que o Jornalismo foi vitrine de vários acontecimentos, bons e ruins, de movimentos sociais e culturais, políticos, econômicos e inovações tecnológicas. Tempo de lutas femininas e das grandes manifestações nos Estados Unidos pelos direitos dos negros. Nesse contexto, jornalistas de grandes jornais reivindicaram uma maior liberdade na redação de suas matérias. Como não encontraram, foram atrás das páginas das revistas. (COUTO, 2017. p.91)

Atualmente, essa liberdade também está presente nas redes sociais, através da internet. Por um lado, na rede é possível produzir mais, em menos tempo, para um maior número de pessoas e com inúmeras possibilidades no que diz respeito à forma e conteúdo; por outro, o fenômeno da convergência não ajudou de forma satisfatória os temas complexos que continuam fora do agenda-setting (WOLF apud COUTO, 2017, p. 93) desse novo formato de jornalismo. A exigência de novidade e instantaneidade e o jogo de interesses que se estabelece por trás da cultura dos likes continuam permitindo que grupos tenham suas pautas suprimidas, permanecendo em silêncio, reforçando a teoria da espiral do silêncio (NEUMANN, 1993). Em resumo, a tese é que, quando uma opinião é percebida como majoritária, as pessoas demonstram maior predisposição a se manifestar, enquanto os que têm uma opinião minoritária tendem a ficar calados. Como é o caso das prostitutas, por ser um assunto que é pouco debatido, as pessoas que apoiam causas relacionada a elas, por exemplo quanto os direitos trabalhistas, não expõem ou se manifestam sobre isso, o que torna o assunto ainda mais esquecido e ignorado.

Com isso, é possível perceber que dentro da mídia existe um padrão que impede certos assuntos de serem apurados. A instantaneidade das notícias atuais exige isso. Podemos perceber que com o passar dos anos, debates sobre direitos LGBTQs, questões relacionadas aos direitos dos profissionais do sexo e assuntos relacionados aos gêneros entraram nas mídias, mas dentro de um padrão.

Para tentar suprir essas pautas não colocadas com tanta frequência e aprofundamento no jornalismo tradicional, pautas que antes sequer existiam, porém as novas mídias abriram uma discussão de forma não aprofundada, o jornalismo literário se ocupa de apurar e aprofundar na pesquisa e publicação de temas de interesse público que são esquecidos pelo mercado das notícias factuais e imediatas do dia a dia. Lima (2004) ensina que na grande reportagem é possível o aprofundamento horizontal e vertical do conhecimento do leitor sobre o tema. Horizontalmente por meio de dados, informações, números e detalhes e verticalmente ao apontar causas, efeitos e desdobramentos do assunto abordado.

A partir do momento que temos o livro-reportagem como essa base de aprofundamento nos temas, a autora escolhe o jornalismo literário para passar com eficiência assuntos interligados com as complexas transformações que vive o mundo no século XXI. Como Lima (1993) escreveu: “(...) num futuro que se espera próximo, toda uma linha de livros-reportagem capazes de abordar, com eficiência, as complexas transformações que vive o mundo no século XXI”.

Tendo como tema a realidade da prostituição no Brasil, a autora decidiu, então, abordar o jornalismo de uma forma mais literária, contando a história de pessoas, pesquisando mais do que uma reportagem em um jornal e passando sentimento para o público que tomará conhecimento do tema. De acordo com Lima (2004), o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódica. “Encarar um desafio desse tipo pode parecer muito difícil, mas é importante que os estudantes se coloquem nessa situação, pois, ao enfrentarem as vicissitudes de todo o processo, vão se sentir mais capazes” (COUTO, 2017, p.97).

O livro se enquadra como livro-reportagem perfil, onde procura evidenciar o lado humano de três personagens que se tornam de interesse, representando com características e circunstâncias de histórias de vida, um determinado grupo que vive em vulnerabilidade social, passando uma parte da realidade desse grupo em questão.

### **2.3. - Jornalismo literário**

O jornalismo nasce particularmente unido à literatura, mas sem a percepção dos antigos de que aquilo ali desenvolvido era jornalismo. (CASTRO, 2010, p. 11). O que chamamos hoje de jornalismo, os antigos chamavam de *actas*, *albuns*, epigramas, editos. A ação pública de transmissão de notícias sempre foi uma prática, tanto entre os gregos quanto entre os romanos.

Gustavo de Castro (2010) fala sobre como no Egito Antigo acreditava-se que o conhecimento da escrita pertencia a apenas de 3% a 5 % da população. Não há dúvidas entre

historiadores contemporâneos de que os textos produzidos nas escolas superiores, onde se formavam médicos e escribas, tinham caráter jornalístico. A recepção desses textos acontecia em locais não destinados à elite, mas ao povo. Nesses casos, já existia a união dessas informações com narrativas que eram passadas através de uma literatura específica, ora fantástica, ora épica, ora lírica entre outras.

Com esse misto de informação e literatura transmitida ao público nasce a gênese do que poderíamos chamar hoje de Jornalismo Literário, lembrando sempre que há cerca de três mil anos, no Egito (CASTRO, 2010. p. 12), não existia o conceito de jornalismo, que só veio se estabelecer a partir do século XV para o XVI, na Europa.

Para começar, o próprio conceito de Jornalismo Literário, que é caracterizado como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originária da (ou inspirada pela) Literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informação, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. (PENA, 2008. p. 105)

Nessa tradição já bastante arraigada no campo do jornalismo, o presente trabalho busca, também, exercer essa função: trazer informação junto com uma narrativa, ou seja, trazer a realidade da prostituição no Brasil com pesquisas, estudos, mas também com histórias e vivências de personagens, contadas de forma a construir uma história, e assim como Pena descreve acima, de forma humanizada.

O livro-reportagem é repleto de várias características, a depender de sua temática ou linha narrativa. Pela classificação de Edvaldo Pereira Lima (2004), existem o livro-reportagem perfil, depoimento, retrato, ciência, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem, onde muitas delas se misturam em um livro só. O livro aqui apresentado é uma mistura de perfil e depoimentos, nos quais existem as características literárias.

Livro-reportagem-perfil trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se interessante. (...) No segundo caso a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificação a realidade do grupo em questão” (LIMA, 2004. p. 51-52)

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), a narração é um elemento essencial como a situação- compreende as unidades básicas do acontecimento traduzidas em termos do que ocorre, quando, onde, como, e eventualmente o porquê. Em *Além do Sexo*, a autora usa a

narração dos entrevistados juntamente com o depoimento dos próprios em discurso direto. (SODRÉ & FERRARI, 1986). Como pondera Lima:

Livro-reportagem-depoimento reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido- geralmente com a assistência de um jornalista- ou por um profissional que compila o depoimento e elabora um livro. Apreende-se, daí, que o tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada. (2004. p. 52)

No presente livro-reportagem, a autora conta as histórias dos personagens centrais, que são os profissionais do sexo e as experiências dos profissionais que estão ligados diretamente ou indiretamente com essas pessoas que vivem de programa. Sempre priorizando a história contada pelo personagem, mas em certos momentos descrevendo o que foi contato a ela em entrevista.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamento grupais, indivíduos sociais; pode também servir a pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação. Em todos esses ou outros usos das ciências humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (MEDINA,1986. p. 8)

As entrevistas, como Cremilda Medina pondera, são interações sociais, nas quais existe uma interpenetração informática, ou seja, uma mistura em comum entre dois ou mais elementos de informações. No livro *Além do Sexo*, a autora usa da entrevista semiestruturada para colher relatos, ou seja, depoimentos de vida, histórias vividas por aquelas pessoas. Dessa forma, a história fica livre para ser contada pelo personagem da forma que desejar ou puder. Esse procedimento está totalmente inserido no jornalismo, pois escutar e contar histórias faz parte dos procedimentos clássicos de apuração da informação.

Entretanto, para cada relato existe uma vivência e para cada vivência existe uma lembrança. O que acontece nos depoimentos são lembranças.

O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez.(BOSI, 2016, p. 24).



O trabalho que a autora desenvolveu no livro-reportagem foi, além de escutar, buscar passar para o leitor os relatos dessas pessoas de formas mais narrativizadas, e conforme cada entrevista, cada relato ou lembrança era acionada pelo entrevistado ou entrevistada, houve um trabalho de fazer com que esses conteúdos pessoais estivessem presente no processo de aproximar o leitor de quem dava seu depoimento. O trecho abaixo, de uma das partes do livro aqui apresentado, exemplifica esse esforço.

Foi quando se apaixonou. O menino era riquinho, frequentava lugares caros, festas caras e em um ato de desespero para conseguir acompanhar seu primeiro amor, Lucas fez seu primeiro programa. Fazia quando precisava viajar, comprar comidas diferentes, manter seu vício. Durante esse momento da entrevista, ele tira um palheiro do bolso e começa a falar enquanto fuma.

“Eu parei por conta do meu namorado, e sempre quando a gente briga eu preciso pensar em um emprego fácil. Então, a prostituição hoje pra mim é uma carta na manga” (trecho do livro Além do Sexo)

Esse processo de escuta e narrativa é enfatizado tanto por Cremilda Medina (1986), quanto por Ecléa Bosi (2016), que retratam preponderantemente a relação entre entrevistador e entrevistado, relação essa muito importante entre jornalistas e suas fontes e que mostra ser ainda mais crucial na montagem de um livro-reportagem como o produto aqui apresentado, no qual a relação também precisa ser de confiança, visto que há um compartilhamento de informações e relatos sobre vidas.

Como foi dito anteriormente, o livro-reportagem se distancia da mídia tradicional, onde o imediatismo ganhou um grande espaço e acabou por não aprofundar temas de muita importância, sendo assim, temas que são deixados de lado. Logo, divulgar temas e pautas invisibilizadas pela grande mídia faz parte da responsabilidade social assumida pelo jornalismo literário. Isso acontece em grande parte porque a mídia tradicional determina quais assuntos farão parte das conversas dos consumidores de notícias, como explica a teoria do agendamento.

Formulada na década de 1970, a hipótese de agenda-setting aloca-se no campo dos estudos dos efeitos cognitivos da comunicação de massa e postula a função dos mass media em influenciar na configuração da agenda pública, sendo a mídia um ator intermediário entre a esfera pública e os cidadãos. Em outras palavras, os meios de comunicação possuem a capacidade de pautar as conversas das pessoas, agendando os assuntos em voga na sociedade. (CASTRO & SOUZA, 2013).

Ao escolher escrever esse tipo de livro-reportagem a autora assume o compromisso de passar para o leitor de forma humana, aprofundada e literária a realidade da prostituição brasileira, buscando uma reflexão mais profunda sobre o tema, lembrando sempre que são histórias reais e documentos que espelham o quanto precisamos evoluir enquanto sociedade.

### **3. Descrição do produto**

O livro é formado por diferentes histórias, buscando retratar de forma fiel a realidade desse grupo e atrair visibilidade e empatia. Para contribuir para o saber dos leitores e aproximá-los do assunto, também foram entrevistadas fontes ligadas à prostituição indiretamente, como uma antropóloga, que abordou temas como o machismo na sociedade; advogado voltado para os direitos humanos, falando sobre a legislação e a exclusão de grupos, em especial das transsexuais; alunos e professores de enfermagem que trabalham diretamente com o público que está em prostituição; psicóloga que atende em ONG voltada para a inserção das mulheres trans e travestis na sociedade; e, por fim, ONGs que têm o trabalho voltado para ajuda de garotas de programa.

A escolha do tema aconteceu durante o quarto período do curso de Jornalismo da PUC Goiás, quando a autora estava lendo um livro-reportagem chamado “Meninos de Rua” (FERREIRA, 1979), onde conta a história de meninos e meninas, menores de idade, que viviam nas ruas de São Paulo.

O livro em questão mostra os caminhos que as crianças tomavam naquela situação de vulnerabilidade. Alguns pediam dinheiro na rua, outros vigiavam e lavavam carros, mas após chegarem a uma determinada faixa etária - à adolescência - as pessoas deixavam de dar tanto dinheiro, pois não são mais crianças. Os meninos arrumavam empregos, como entregadores, ajudantes, outros iam para o crime. Já entre as meninas, em sua maioria, o caminho era crime ou a prostituição. O livro relata que ninguém contratava meninas para pintar uma laje, carregar cimento, entregar comida.

Foi então que a autora se questionou por que o assunto era tão pouco abordado, por que não existiam matérias suficientes falando sobre quantas pessoas vivem na prostituição e o quanto essas pessoas estão desamparadas. E assim começou uma pequena pesquisa sobre prostituição. A cada dia era uma descoberta diferente, principalmente quanto ao fato de que a prostituição não era uma coisa só.

Pesquisando sobre o tema, pôde-se descobrir que mais de 40 milhões de pessoas no mundo se prostituem atualmente, segundo um estudo da fundação francesa Scelles, que luta contra a exploração sexual. Estudo que foi postado em vários jornais onde mostra que a grande maioria (75%) são mulheres com idades entre 13 e 25 anos. (FERNANDES, 2012)

Dentro do universo jornalístico, foram encontradas algumas matérias que abordavam a prostituição. Existem alguns livros, documentários, mas poucos conteúdos da mídia tradicional. Quando existem, eles falam, sobretudo, da violência que essas mulheres sofrem e como

sobrevivem na pandemia. Poucos dados abrangem realidades mais amplas e profundas desse grupo marginalizado.

Por isso a necessidade de se investir em produtos jornalísticos que abordem a prostituição de maneira mais ampla, trazendo de forma humanizada e respeitosa o assunto para o centro dos debates. Vem desta convicção a intenção de produzir o presente trabalho, um livro-reportagem que aborda, como grande tema, a realidade da prostituição no Brasil.

A ideia foi de, através da narrativa de histórias reais, relatar a vida de pessoas que vivem ou viveram na prostituição e o que as fez entrar nesta atividade. Além disso, contar a história da prostituição, como tudo começou e como chegou ao Brasil. A violência que garotas de programa sofrem e temas que estão relacionados com o trabalho sexual, como, por exemplo, a desigualdade social, o machismo, a transfobia, o abuso sexual infantil, o preconceito, que também são contemplados na apuração. O livro mostra ainda que a figura da prostituta está presente em diversas áreas da cultura, como em livros, seriados, novelas, peças de teatro, nas músicas e lendas populares. O nome “Além do Sexo” foi escolhido por mostrar os detalhes e elementos que estão por trás do trabalho de quem vende prazer. O mesmo norte guiou a confecção da parte gráfica. A cor vermelha que está na capa e nos títulos foi escolhida pela autora por estar ligada à sexualidade, à sensualidade. Inclusive, a autora viu em uma matéria do portal UOL a informação de que no século XVIII, o governo britânico aprovou uma lei que condenava o uso do batom vermelho. Segundo os legisladores da época, “as mulheres que eram culpadas de seduzir os homens para o matrimônio por meio de cosméticos poderiam ser julgadas por bruxaria” (UOL, 2021) O casamento também poderia ser anulado caso a mulher utilizasse alguma cor nos lábios durante a relação do casal. O vermelho, simbólica e historicamente, tornou-se um símbolo muito forte de certa sexualidade feminina e sua presença no livro tem a ver com essa tradição. É bom lembrar, ainda, que os bordéis, onde muitas prostitutas trabalham, popularmente também são conhecidos como “as casas da luz vermelha”. Isso acontece porque se usava, em cidades menores, indicar onde era o ponto de prostituição com uma luminária vermelha na porta, para que aquele local não pudesse ser confundido com “casas de família”.

Desde o início, o maior desafio a ser encarado foi o de encontrar fontes. Sem ter contato com ninguém ligado ao tema, levou um tempo para que a autora criasse um plano estratégico de como chegaria até este público. Primeiramente, porque é muito difícil que aqueles envolvidos na atividade aceitem falar sobre seu cotidiano. Em segundo lugar, porque não há segurança em ir para a rua à noite para procurar garotas de programa dispostas a dar entrevistas.

Em um primeiro momento, foram procuradas fontes especializadas e oficiais. Curiosamente, a dificuldade de ter acesso a elas foi muito maior do que com os próprios profissionais do sexo. Algumas ONGs chegaram a cobrar para concederem entrevistas. Além disso, achar profissionais da saúde que têm contato com garotas de programa foi desafiador, pois são raras as que buscam ajuda médica.

Com o decorrer do prazo, a autora partiu em busca das fontes principais, aquelas sem as quais não existiria o livro: garotos e garotas de programa. Foi conversando com as pessoas sobre o assunto, procurando em redes sociais, em palestras e eventos voltados para o tema da prostituição, buscando as pessoas em marcação de fotos de ONGs no Instagram que se conseguiu reunir um número satisfatório de depoimentos. Ao todo, foram sete Organizações Não Governamentais que receberam e-mail, ligações e mensagens da autora, porém apenas duas quiseram dar entrevistas sem receberem algum tipo de remuneração. Dos profissionais do sexo, quatro pessoas quiseram falar, contanto que não tivessem seus nomes verdadeiros revelados, mas no último momento uma delas desistiu.

Uma das professoras do curso de Jornalismo enviou uma divulgação de uma mesa redonda que iria acontecer na Faculdade Araguaia, que falaria sobre a mulher na prostituição. Assim, a autora assistiu a palestra e entrou em contato com todos os debatedores através das redes sociais. Foi assim que conseguiu encontrar uma das fontes, o advogado Alexandre Pinheiro, professor universitário e coordenador de Pós-Graduação em Direitos Homoafetivos.

Começando a ter esperanças de encontrar pelo menos um caminho que levasse até suas fontes, a autora postou no Instagram que se alguém fizesse ou conhecesse alguma pessoa da área de Enfermagem, para que entrasse em contato. Foram mais de 30 mensagens e números de alunos e de enfermeiros. Mesmo aqueles que não tinham contato com garotas de programa conheciam alguma pessoa que teve, e assim chegou-se a uma professora, Bruna Paulino, que trabalha em uma clínica humanizada de tratamento contra AIDS, onde o público, em sua maioria, estava na prostituição.

Além de Paulino, foi entrevistada a também professora Bruna Miranda, que nunca trabalhou com profissionais do sexo, mas teve uma aluna trans que se prostituía para pagar a faculdade devido à expulsão de casa por parte do pai. Miranda, assim, deu um depoimento sobre este caso. Houve conversas, ainda, com alunos que falaram como é o atendimento desse público nos hospitais, sendo um deles integrante de um grupo que realiza trabalhos em populações que vivem em vulnerabilidade, inclusive prostitutas.

Depois dessa primeira leva de entrevistas, por último se ouviu a professora e antropóloga Lucia Lobo, que esclareceu mais sobre diversos pontos já descritos no livro, como a história das primeiras prostituições, o machismo e a violência contra mulher.

A autora costuma dizer que mesmo com as dificuldades em conseguir pessoas que falassem a respeito do tema, teve muita sorte com as fontes. Foram elas que escolheram, com liberdade, falar, não houve uma seleção quanto ao que diriam. Elas decidiram, por vontade de lutar, contar sua experiência, vivendo ou estando perto de quem vivia a prostituição.

Os capítulos foram divididos em 4 partes, tendo a autora escolhido o posicionamento deles. A primeira parte conta histórias de pessoas que vivem na prostituição. Iniciar o livro com esse conteúdo foi uma decisão tomada buscando mostrar, primeiramente, os relatos para, depois, contextualizá-las. Assim, é apresentada, de início, a vivência no mundo dos programas sexuais realizados como uma atividade profissional, para, em seguida, revelar o que está por trás da prostituição. Já a segunda parte inicia com a contextualização, na qual é mostrada a história da prostituição, o caminho percorrido da profissão até os dias atuais no Brasil, as questões legislativas pertinentes ao tema e a fala de uma figura importante na história da luta pelos direitos das prostitutas. Na terceira parte existe mais pesquisas a respeito do tema do livro, gráficos, dados, continuando com as contextualizações que englobam o mundo da prostituição, que são: as agressões sofridas por quem atua nesse segmento, a situação das vítimas, as reportagens a respeito do assunto, as formas de ignorância quanto a tal realidade, os preconceitos que os profissionais do sexo sofrem e a importância de se falar sobre isso. A quarta e última parte restringe-se a um capítulo, com uma escrita mais leve, mostrando figuras de prostitutas nas artes, nas músicas, nos filmes, no teatro em outras manifestações culturais, como a teledramaturgia. Esse conteúdo está no fim propositalmente, fazendo com que o livro-reportagem, apesar de falar sobre um tema pesado que o da prostituição, pudesse terminar de maneira mais amena, diferenciando seu final dos capítulos anteriores.

Todos os capítulos, independente das partes, se relacionam, contam uma história que é a realidade da prostituição no País. Por outro lado, existem capítulos nos quais os assuntos são muito conexos, alguns que fazem menção ao anterior, que apresentam abordagens complementares, como é o caso dos três relatos dos profissionais do sexo obtidos para o presente trabalho. São depoimentos que conversam entre si e os três capítulos, com diferentes abordagens e contextualizações, falam das mesmas pessoas. Outro exemplo é a parte dois, que se inicia falando sobre o começo da prostituição, como ela chegou no Brasil, o que aconteceu nesse caminho, e o capítulo seguinte, que se debruça sobre os dias atuais, as leis criadas para

legislar a atividade, o que aconteceu desde quando a prostituição chegou ao Brasil. Assuntos relacionados, portanto, que dialogam e convergem entre si.

Lucas, o rapaz da primeira história, traz a trajetória de um menino que foi expulso da casa pela mãe por não aceitar um filho gay e foi morar com o pai alcoólatra. O rapaz viveu uma infância muito difícil por reflexo da doença do pai, que acabou morrendo dois meses depois de começar a morar com o filho. Não sabendo para onde ir e sofrendo ataques da família homofóbica, Lucas começou a se sustentar na prostituição.

O rapaz mudou de cidade e virou um pequeno criador de conteúdo, largou a prostituição algumas vezes, mas voltou outras tantas. Hoje, ele também sofre com alcoolismo e pela quantidade de drogas que usava para conseguir fazer todos os programas, decidiu parar por um tempo com a atividade. Escreveu um livro contando as aventuras de um garoto de programa em São Paulo (HAELO, 2020) e foi através desse livro que a autora chegou ao seu autor.

Não existiam fontes pré-estabelecidas no processo de apuração. Todas foram encontradas no decorrer do trabalho. Por conta da pandemia e da distância que era preciso manter em relação às fontes, as entrevistas foram feitas todas através de vídeo chamada. Entretanto, pela falta de contato visual e mais aproximação, no mesmo dia que entrava em contato com a fonte, era preciso marcar a entrevista para a semana seguinte, porque muitas pessoas esqueciam ou desistiam de falar. Por isso, o livro foi todo realizado com pesquisas prévias, acrescentando posteriormente as falas dos entrevistados.

A segunda história é a de Flávia, uma menina de classe média alta que teve uma boa escolarização e viu sua família desmoronar após o pai declarar falência. Todos em sua casa tiveram que começar a trabalhar e com ela não foi diferente. Para manter a vida de luxo que tinha na adolescência, deu início à vida noturna. Ela, atualmente, faz um percurso entre Goiânia e São Paulo para realizar seus programas e relata como a prostituição vicia.

Flávia chegou até a autora através de uma amiga em comum, que durante o Ensino Médio estudou com a entrevistada. A história de Flávia veio para mostrar a diferença do mercado da prostituição. Enquanto existe Lucas que precisava se sustentar, há uma pessoa como Flávia, que é prostituta de luxo, trabalha na melhor casa do ramo em Goiânia e ganha o suficiente para sustentar a família inteira.

Por fim, a terceira história é de Jessica, uma mulher trans que por conta do preconceito não conseguiu arrumar emprego e se encontrou na prostituição. Ela teve uma infância bastante conturbada, primeiro pela morte do pai, em consequência de um câncer. A mãe de luto passou a beber e depois de alguns anos deu início a um relacionamento com um homem que abusava

de Jessica, na época, criança. Isso sem mencionar todo o estresse que o jovem passa para se descobrir trans.

Jessica é amiga de um amigo próximo da autora e foi através dele que aconteceu o contato. Ela é uma personagem que mostra mais uma vertente que leva as pessoas a entrarem na prostituição: a transfobia. Esse é um grupo que representa a porcentagem de 90% das mulheres trans e travestis estão na prostituição (MACEDO, 2021). Apesar de ser uma história muito pesada, Jessica conta com superação os acontecimentos tristes de sua vida.

Essas três histórias perfazem a primeira parte do livro. A autora optou em começar com as três histórias para mostrar a vida de um profissional do sexo antes de contextualizar a atividade como um todo. Na segunda parte estão três outros pontos muito importantes: a história da prostituição e como ela chegou ao Brasil, a marginalização sofrida por esse grupo e a falta de leis, proteção e direitos com que essas pessoas convivem. Essa segunda parte é encerrada com o capítulo sobre Gabriela Leite, uma prostituta que ficou nacionalmente conhecida por lutar pelos direitos das profissionais do sexo e que atualmente dá o nome a uma lei que trata a prostituição como trabalho.

As fontes usadas nessa parte foram duas, basicamente. A antropóloga, Lucia de Fátima Lobo Cortez Amado, docente da PUC Goiás, que deu aula de cultura brasileira para a autora. Além do curso de Jornalismo, Lucia dá aula de Antropologia para o curso de Direito da PUC e por isso se mostrou ainda mais adequada como fonte, por dominar diversos campos conexos. A professora falou sobre como as tituladas atualmente de “prostitutas” eram vistas antigamente e como aconteceu a mudança da visão da sociedade sobre elas.

A segunda fonte foi o advogado Alexandre Pinheiro, ao qual a autora teve acesso em uma mesa-redonda oferecida pela Faculdade Araguaia, onde foi realizada a 3ª edição do seminário “Sujeitos Negligenciados - Profissionais do Sexo: a prostituição feminina e representação jurídico-social”. Alexandre falou sobre a legislação, a falta de políticas e direitos trabalhistas para as prostitutas.

A terceira parte começa falando sobre a violência contra mulher, contando alguns casos, especificamente aqueles que tiveram uma atenção mais ampla da mídia. A primeira história é da Elisa Samudio, uma mulher que teve uma infância e adolescência conturbada por conta do pai que oferecia a menina para favores sexuais. Sempre apaixonada por futebol principalmente por ter jogado durante algum tempo, quando adquiriu a maioridade foi para São Paulo em busca de um jogador, mas para se sustentar começou a se prostituir e assim conheceu vários atletas, pois era acompanhante de luxo, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro.



Em um desses trabalhos conheceu o goleiro Bruno, então titular do time do Flamengo, e engravidou. Ele, não aceitando o filho, tentou fazer com que ela abortasse, mas falhou e depois que a criança nasceu, ele sequestrou Elisa e a matou.

A segunda história foi sobre Mariana Forti Bazza, uma jovem de 19 anos que cursava Fisioterapia e em uma manhã, ao sair da academia, não voltou mais para casa. A estudante percebeu que seu pneu estava furado no estacionamento e pouco depois apareceu um homem que trabalhava em um local próximo lhe oferecendo ajuda. Mariana foi estuprada e morta por este homem. O corpo dela foi encontrado 24 horas depois em um município a 60 km de distância de Bariri, interior de São Paulo.

A terceira é sobre Eloá, uma adolescente de 15 anos que teve a casa invadida pelo ex-namorado de 22 anos e mantida em cárcere privado, juntamente de sua melhor amiga Nayara, por 100 (cem) horas. A mídia transformou o caso em um espetáculo e durante todo o sequestro o assassino foi o protagonista em todos os telejornais. Eloá foi morta com um tiro, drama que foi transmitido em rede nacional.

Em todos os relatos do livro, o foco foi unicamente a vítima e sua história, pois quando os casos aconteceram, os jornais contavam mais sobre os assassinos, sobre a vida deles antes, o que faziam, com o que trabalhavam, em como eram jovens, e não falavam na mesma medida sobre a vida da vítima.

O capítulo continua com algumas pesquisas que mostram em números o feminicídio no Brasil e a relação do abuso infantil com a prostituição. Além disso, a autora apresenta um caso recente no país, uma criança que era estuprada pelo tio e aos 10 (dez) anos engravidou. A menina teve sua vida exposta e um aborto, ao qual tinha direito por lei, quase impedido por grupos conservadores. Frisa-se:

Art. 128 - Não se pune o aborto praticado por médico: (Vide ADPF 54)

Aborto necessário

I - se não há outro meio de salvar a vida da gestante;

**Aborto no caso de gravidez resultante de estupro**

**II - se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.**

(BRASIL, 1940, grifo da autora)

Nessa parte são mostradas as manchetes sobre os casos relatados, para o leitor analisar como os casos aparecem nas mídias.

Após, o livro apresenta histórias de agressões contra prostitutas, assim como anteriormente mostrou histórias de outras agressões, porém não existem muitas que identifiquem os nomes das vítimas, na maioria das vezes só usam o termo prostitutas ou garotas de programa. Seguida por manchetes com gráficos indicando as agressões e os tipos delas. Em

sequência, a antropóloga Lúcia Lobo fala sobre a relação do machismo e da superioridade que o homem sente em relação à mulher, com acréscimo da fala do advogado Alexandre Pinheiro, que relata o despreparo das autoridades para receber a mulher agredida.

Nesse capítulo, a autora apresenta algumas leis de proteção a mulher em casos de violência. Colocando mulheres porque antes de prostitutas, são mulheres que sofrem quando vão em busca de ajuda, em especial nos hospitais. Essa parte é coberta por pesquisas e entrevistas, que revelam o preconceito que garotas de programas sofrem ao chegar agredidas em hospitais. Há ainda entrevistas com profissionais de Enfermagem que relatam como é passada para alunos da graduação a forma adequada de atender essas vítimas e como os professores veem essa instrução.

Foi entrevistada para o livro a professora e enfermeira Bruna Paulino Almeida, que trabalha no CEAP-SOL – Centro Estadual de Atenção Prolongada e Casa de Apoio Condomínio Solidarietà, que se constituiu como uma Instituição de Casa de Apoio ao portador de infecção pelo HIV/AIDS, em Goiânia. Ela chegou até a autora através de uma aluna, Helyab Nurya, que também é uma fonte do trabalho. A professora conta como é a realidade dentro dos hospitais, como o trabalho das enfermeiras ajudam o público em prostituição, a forma como enxerga que essa abordagem humanizada deveria ser repassada aos alunos e o que deveria ser feito para melhorar o atendimento dessas pessoas.

Helyab, estudante da UniGoiás, era amiga de uma colega de classe da autora, e o contato foi rápido. Ela conta como acontecem as aulas que preparam os alunos para o atendimento especializado, o que acha que falta nesse processo e em como melhorar a realidade dessas pessoas dentro dos hospitais. Assim como a estudante Anna Luiza Cunha, que fala sobre as aulas de ética e sua realidade dentro dos postos de saúde. Além delas, o estudante Gabriel Francisco da Silva Filho também foi ouvido e relata a falta de contato que o aluno tem com os grupos em vulnerabilidade durante a graduação. Gabriel faz parte do NECAIH (Núcleo de Estudos Epidemiológicos em Cuidados com Agravos Infecciosos), com ênfase em hepatites virais, na Universidade Federal de Goiás. Durante um tempo, o aluno trabalhou diretamente com profissionais do sexo, transsexuais e travestis. Gabriel e Anna Luiza também foram contatados através de amigos próximos da autora.

A professora Bruna Cardoso Miranda Nascimento, também indicada pela estudante Helyab, atua na UniGoiás e é coordenadora de uma das unidades no curso de Enfermagem, além de enfermeira. Nascimento responde as mesmas questões sobre como é a realidade dentro dos postos, como vê essas pessoas sendo desrespeitadas, de que forma acredita que deveria ser

passado para os alunos o atendimento do público em vulnerabilidade e em como melhorar sua experiência com a saúde.

O capítulo seguinte chama-se “Medo de te transpassar” e aborda a transfobia. Esse foi um capítulo que de início não iria existir, posto que a questão estaria presente em alguns parágrafos de outros capítulos. Com o decorrer do trabalho, no entanto, a autora percebeu a necessidade de escrevê-lo, visto que se estima que 90% (noventa por cento) da população trans no Brasil tem a prostituição como fonte de renda e única possibilidade de subsistência (MACEDO, 2021). Outro ponto que contou a favor da decisão foi o fato de muitas das fontes possuírem casos de transfobia para relatar.

A primeira fonte foi a professora Bruna Cardoso, que teve uma aluna transsexual que se prostituía para pagar os estudos, a qual a autora deu o nome de Maria. Bruna conta como foi a chegada da aluna na universidade, sua história com a família, a expulsão de casa por parte do pai, a relação dela com a aluna, as dificuldades que Maria sentia em arrumar um emprego e sair da prostituição. Bruna, no mesmo período, também deu aula para a irmã de Maria, que demonstrava o preconceito que vivia dentro de casa. A irmã mais nova não reconhecia a mais velha como mulher e sempre a tratava como homem.

Em sequência, a autora apresenta o depoimento do advogado Alexandre Pinheiro, que mostra a separação do trabalho, em relação ao homem, a mulher, ao pobre, ao rico, ao branco, ao preto, as minorias, as trans, entre outros. “Nós falamos da divisão sexual do trabalho. Eu trabalho para um homem, eu trabalho para mulher, eu trabalho para o rico, eu trabalho para o pobre e hoje a gente vê a parte mais operacional, o serviço que ninguém costuma fazer, a maioria das vezes feitos por pessoas marginalizadas” relata Alexandre. “Na estética, eu ainda falo que é algo bacana, porque realmente alcançou, digamos assim, uma atenção muito grande porque nós temos inúmeras cabelereiras, profissionais da estética em si que são transsexuais, travestis. Mas fora disso, a gente não encontra recepcionista, a gente não encontra uma secretária executiva, que seria, inclusive, até trabalhos que a gente também considera um pouco marginalizado, esse sentido das denominações de poder, mas que poderiam ser diretoras financeiras, juízas. É muito raro nós vermos professoras, uma professora universitária que é mais rara ainda, porque aí nós estamos mexendo em uma situação da escolarização”, complementa. “Eu conheço duas professoras que são travestis, doutoras e atuam em universidades federais e a gente começa pensar que são questões que a própria sociedade segrega. Ela passa a definir basicamente o que a pessoa deve ser, algo que ela não tem escolha. Eu gosto bastante de ver a dignidade das pessoas quando elas vão para essas áreas em si”,

conclui o advogado. Após, colaciona-se uma reportagem que mostra a porcentagem de transexuais e travestis que estão na prostituição.

Nesse momento a autora traz uma figura importante para o debate, a psicóloga Patrícia de Souza Oliveira, que atua na ONG TransVest. Patrícia chegou até a autora através de uma postagem na rede social Facebook, onde mostrava que a ONG arrecadaria alimentos para as mulheres durante a pandemia. A psicóloga conta a história da Organização, como foi criada e como atua. A TransVest foi criada por Duda Salabert, uma professora de Literatura, ambientalista e ativista filiada ao Partido Democrático Trabalhista (PDT). Em 2018, Salabert se notabilizou ao ter se tornado a primeira pessoa transgênero a se candidatar ao cargo de Senadora da República. Em 2020, Duda foi eleita vereadora em Belo Horizonte com mais de trinta e sete mil votos. Ademais, ela, juntamente com uma amiga, fundou a ONG TransVest, um projeto artístico-pedagógico que objetiva combater a transfobia e incluir travestis, transexuais e transgêneros na sociedade.

A ONG oferece aulas de segunda a sexta-feira, sempre no período da tarde. Para além das aulas de preparação para vestibulares, há algumas oficinas de entretenimento e profissionalização, aulas de lutas para defesa pessoal e também atendimento psicológico gratuito. Isso acontece durante todo o período de existência da ONG. Toda pessoa travesti e transexual que faz parte do projeto tem direito ao atendimento gratuito com um psicólogo semanalmente. Em tempos não pandêmicos, esses atendimentos acontecem no consultório, mas por conta da pandemia, o serviço precisou migrar para internet. Hoje eles são feitos on-line.

Outra fonte foi o estudante de Enfermagem Gabriel Francisco da Silva Filho integrante do Núcleo de Estudos Epidemiológicos em Cuidados com Agravos Infecciosos com ênfase em Hepatites Virais (NECAIH), criado em 2010 pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, que tem como principal objetivo desenvolver estudos sobre a epidemiologia, prevenção, controle e cuidados de enfermagem em doenças infecciosas em diferentes grupos e populações vulneráveis. Ele conta sobre como é o atendimento dessas mulheres na saúde. Frisa-se que todas as fontes relatam o que deveria ser feito para melhorar a qualidade de vida das pessoas transgêneros e travestis.

O capítulo termina mostrando que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis do mundo (ANTRA, 2020), juntamente com uma entrevista dada à rádio Brasil de Fato, por Bruna Benevides, Secretária de Articulação Política da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), mostrando a importância em colocar esses assuntos em pauta, assim como também em debater sobre a prostituição.

O porquê devemos falar sobre prostituição, sobre transfobia, machismo, agressão entre outros, é o assunto do penúltimo capítulo. Este trecho versa sobre a necessidade das pessoas em se conscientizarem, lutarem pelos direitos das minorias, terem informação para que as garotas e garotos de programa tenham uma melhor qualidade de vida.

O capítulo apresenta algumas Organizações Não Governamentais que atuam na ajuda de pessoas que estão na prostituição. A entrevista nessa parte é de Beth Fernandes, Presidente do Conselho Municipal do Direito da Mulher de Goiânia e Coordenadora da ASTRAL, uma ONG que atua no desenvolvimento de políticas de inclusão para populações historicamente discriminadas. A organização tem como público-alvo a população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais e Assexuais), pessoas em situação de vulnerabilidade em decorrência da violência de gênero e/ou sexuais e aquelas envolvidas em circunstâncias relativas ao tráfico de pessoas. Realizando trabalhos de prevenção de DST/HIV/AIDS e de atendimento e de suporte em casos de violências de gênero e/ou sexuais, a ASTRAL conta com mais de duas décadas de experiência e ativismo no estado de Goiás.

Beth chegou até a autora através de um amigo de sala que estagia para o Estado de Goiás e fez a ponte entre elas. A coordenadora da ASTRAL conta sobre a história da organização, o caminho percorrido para ser uma ONG conhecida, os trabalhos oferecidos, as lutas e ajudas, além de comentar sobre situações recentes, como a pandemia. Aliado a isso, a autora traz mais porcentagens do aumento da violência doméstica durante o período pandêmico.

A quarta e última parte do livro está compreendida em um único capítulo, que trata sobre a figura da prostituta e como ela está presente no meio artístico desde há muito tempo. A primeira história apresentada no capítulo é a de Dona Beja. Ana Jacinta, que mais tarde ficou conhecida como Beja, morava em Araxá e tornou-se uma das mulheres mais lindas da região. Era apaixonada por um fazendeiro, porém, foi sequestrada pelo ouvidor do Imperador. Por ter cometido um crime, sequestro o governador teve que enfrentar a corte e a região do Desemboque, que antes pertencia a Goiás, passou para a então Província de Minas Gerais. Assim, todo o Triângulo Mineiro, antiga faixa territorial goiana, passou a integrar Minas.

A sociedade de Araxá, bastante conservadora na época, via Ana Jacinta como uma mulher fácil, perigosa e ardilosa. Colocada às margens da sociedade e sem ter o seu amor correspondido, resolveu então prostituir-se e vingar-se da cidade se relacionando com todos os homens casados que viessem procurá-la. Beja sempre teve o sonho de abandonar a profissão e construir uma família, então se casou com Padre Francisco José da Silva por 18 anos e tiveram uma única filha, Teresa Tomásia de Jesus, que se casou com o primo Joaquim Ribeiro da Silva

Botelho e tiveram muitos filhos. Nesse momento, Araxá retoma o crescimento e atrai muitas pessoas.

Com ajuda do seu marido, o padre, Beja conseguiu construir um casarão e se mudou para o sobrado com 32 anos de idade. Morando sozinha, começou a sofrer muitos assédios e acabou cedendo, voltando à vida de prostituição com uma clientela seleta. Assim, Beja engravidou de sua segunda filha em 1838, Joana, mas ninguém quis assumir a criança.

Em 1915, Sebastião de Affonseca escreveu a primeira vez sobre Dona Beja, contando a história do seu sequestro. O relato ficou famoso e o turismo medicinal deu outro impulso à região (por causa das águas termais da cidade de Araxá). Concomitantemente, o feminismo deu mais um estímulo à lenda em torno dessa mulher poderosa. Surgiram artigos, romances e uma novela foi produzida pela Rede Manchete, na qual Maitê Proença interpretou a protagonista. Toda essa notoriedade levou o nome de Araxá mundo afora. Hoje, muitas empresas ainda usam o nome de Beja.

Essa história contribuiu para que Dona Beja crescesse na tradição mineira. Sua casa, que ainda existe em Araxá, tornou-se monumento histórico. Araxá é a maior instância hidromineral do continente e Dona Beja é o nome de uma de suas mais famosas fontes. Reza a lenda que é fonte da juventude, uma vez que Beja conservou-se bela e jovem. Para obter todas essas informações, a autora assistiu vários vídeos e leu sua história diversas vezes e em várias versões. Como por exemplo a reportagem do Jornal de Minas “Lendas e Histórias de Dona Beja em Araxá” (2019) e um documentário de Ernesto Rosa chamado “Dona Beja de Araxá” (2019).

Posteriormente a autora apresenta a história de Dama das Camélias, que em meados do século XIX encantou Paris com a sua beleza, tornando-se até um romance de Alexandre Dumas Filho. O romance A Dama das Camélias, de Alexandre Dumas Filho, é considerado um clássico da dramaturgia mundial. A história caiu nas graças do público e logo migrou para o teatro, para a ópera e para o cinema, com filmagens e refilmagens. A Dama das Camélias chegou até a autora através do professor, que sugeriu a leitura da história.

Além dessas narrativas, existiu a de Hilda, mulher que virou livro e minissérie na Rede Globo de televisão. Tão bonita que os homens faziam fila para possuí-la. Ficou conhecida por Hilda Furacão devido ao seu temperamento. A prostituta não levava desaforo para casa e era constantemente vista brigando e até mesmo saindo no tapa com seus clientes e colegas da profissão. Depois de um tempo, ela encontrou o amor e teve um filho, mas seu marido morreu. Sozinha, Hilda foi morar em um asilo no bairro de Barracas, na capital Argentina. Ninguém sabia se ela estava viva, até que uma equipe de reportagem do Fantástico fez uma matéria a seu respeito, em 2014. Hilda foi colocada no livro pela lembrança da novela que a autora tinha.

Outras tantas prostitutas viraram novelas e minisséries, muitas delas escritas por Jorge Amado, como, por exemplo *Tieta do Agreste*, *Maria Machado* e *Tereza Batista, Cansada de Guerra*.

*Tieta* é uma moça pobre, mas cheia de vida e de natureza. Iniciou muito cedo nas atividades sexuais e foi expulsa de casa pelo pai. Depois de anos vira dona de uma casa para damas da noite em São Paulo. O romance virou novela de sucesso na TV Globo, com a atriz Beth Faria vivendo a personagem-título.

Outro enredo é o de *Gabriela, Cravo e Canela*. Nesta história, há o famoso bordel Bataclan, comandado pela irreverente *Maria Machado*. A obra foi a primeira obra de Jorge Amado adaptada para a TV, em meados dos anos 1970, com *Sônia Braga* vivendo *Gabriela* e *Eloísa Mafalda* vivendo a cafetina *Maria Machado*, com suas muitas “meninas” para atender os coronéis da cidade. Entre as atrizes que interpretaram as prostitutas naquela primeira adaptação estavam *Dina Sfat* e *Natália do Vale*. Mais recentemente, a Rede Globo voltou a adaptar *Gabriela*, agora em formato de série, protagonizada por *Juliana Paes*. Coube à cantora *Ivete Sangalo* viver *Maria Machado* nesta nova versão.

Por fim, Jorge Amado também criou *Tereza Batista, Cansada de Guerra*, uma mulher cuja personalidade indomável e muitas vezes imprevisível vai contra as convenções e se rebela em relação ao destino que lhe tentam impor. *Tereza Batista* viveu desde a infância na pobreza, privada de liberdade, lidando com a crueldade por não ter controle sobre a sua própria vida. Um mundo de sofrimento, miséria e violência que conhece desde muito cedo, primeiro, com a orfandade, depois, quando é vendida pelo tio, ainda menina. Sob o açoite do seu dono, ela vai experimentar, na própria carne, o sentido da palavra “servidão”. Um dia *Tereza* mata o seu algoz, vai presa, passa pelo convento e acaba caindo num bordel. Uma série foi produzida a partir do livro de Jorge Amado, tendo a atriz *Patrícia França* como protagonista da história.

A autora apresenta outras formas de prostituição apresentadas na televisão. Tráfico de pessoas, na novela *Salve Jorge* e na série *Sky Rojo*, e o *Book Rosa*, esquema de exploração sexual de modelos descrito na novela *Verdades Secretas*. Não podendo deixar de mencionar, a reconhecida *Bruna Surfistinha*, uma prostituta que começou a escrever um blog na internet sobre sua vida noturna. O sucesso foi tanto que ela publicou livros e, hoje, existem filmes e séries contando sua história. *Bruna* atualmente é empresária e ajuda mulheres a se soltarem na hora do sexo.

Por fim, o capítulo termina com músicas que mencionam a atividade sexual remunerada. A primeira é de *Odair José*, que estourou nos anos 1970, mais precisamente em 1972, quando o compacto *Eu Vou Tirar Você Deste Lugar* vendeu um milhão de cópias, um número altíssimo

para os padrões da época. A música, que descrevia o amor romântico de um homem por uma prostituta, evidenciou o estilo autêntico e corajoso das letras de suas composições e que marcou sua extensa e popular obra. Outra artista mencionada é a cantora sertaneja Marília Mendonça, que compôs o hit “Troca de Calçada”, onde a letra descreve uma mulher que foi levada a se prostituir e, com isso, sofre todo o tipo de julgamento. Marília diz que ela acredita ser uma das músicas mais fortes de seu repertório, e foi convencida a gravar em razão da repercussão do assunto nas redes sociais.

Esse capítulo serviu para mostrar que a figura da “puta” não é recente, escondida ou apagada. Elas estão em diversos lugares e são famosas, além de influentes na cultura e na história. Serviu também como uma descontração após momentos tão tristes trazidos anteriormente, mas todos com um propósito: dar visibilidade à luta pelos direitos das garotas de programa.

A autora, após concluir a escrita, buscou uma gráfica e editora para que pudesse fazer o livro, a Editora Vieira, onde encontrou a oportunidade de publicar um e-book. Esse formato digital não era, de início, seu desejo, mas a impressão do livro ultrapassaria o valor planejado, visto que existem páginas com imagens coloridas e a editora só conseguiria fazer o mínimo de 50 exemplares, o que também excederia a expectativa da autora. Com isso, a Editora Vieira ficou responsável pela formatação do e-book e Jannine Dias, que é a diagramadora do local, ficou responsável pelo projeto gráfico e o design do mesmo.

Devido à obrigatoriedade de distanciamento social, dadas as circunstâncias da pandemia COVID-19, não foi realizada nenhuma entrevista pessoalmente. Diante disso, as autorizações do uso das entrevistas coletadas para o presente trabalho foram enviadas por WhatsApp. Já no começo das entrevistas, percebemos uma dificuldade com as autorizações. Havia pessoas que não tinham assinaturas digitais, outras que não se sentiram bem em fornecer seus dados pessoais. Principalmente os profissionais do sexo não queriam seus nomes expostos. Então, quando logo nas primeiras entrevistas surgiram esses empecilhos para coletar assinaturas para o formulário padrão de autorização enviada pela coordenação do curso de jornalismo, escolhemos perguntar em vídeo se as pessoas aceitavam fazer parte do meu TCC. Tenho todas as gravações das entrevistas e conversas estão salvas e protegidas, sendo essa informação dada apenas para esta banca de defesa. As imagens que estão com o rosto e nomes rabiscados são referentes as entrevistas feitas com os profissionais do sexo para preservar as imagens e os nomes reais, visto que não queriam se identificar. No momento da postagem do trabalho no Repositório da PUC Goiás, esses dados sensíveis serão ocultados, observando as premissas da Lei Geral de Proteção de Dados.





#### **4. Considerações Finais**

Muitas pessoas sabem das realidades que existem no mundo: pobreza, machismo, homofobia, transfobia, prostituição, fome e muitas outras mazelas. Ocorre que a maior parte delas não tem acesso mais direto a tais situações, por serem uma realidade distante, por nunca terem visto algo assim de perto, nunca terem vivido tais circunstâncias ou simplesmente por não procurarem saber mais a respeito.

É cediço, no entanto, que a leitura traz esse conhecimento, levando a mundos que não são o seu. O romance faz com que casais que não existam sejam desejados pelo público; a aventura faz o leitor enxergar a ação na sua frente. E com o livro-reportagem não é diferente.

A partir do momento em que alguém lê uma realidade tão fundamentada, com dados, pesquisas, entrevistas, ela tem acesso àquele mundo, ela entende, vê, acredita e, principalmente, não esquece. Por isso o livro-reportagem é deveras importante para levar essas informações até as pessoas, de forma diferente do jornalismo tradicional.

Ao escrever este livro, foi essa a intenção da autora, a de ser uma ponte entre a sociedade e a não legalização da prostituição junto com as consequências que isso gera para os trabalhadores sexuais. Somado a isso, o objetivo foi mostrar a realidade das pessoas que vivem de programas e seus dramas tão pouco visibilizados, englobando assuntos vinculados diretamente à prostituição como, por exemplo, o machismo, a lgbtfobia, a violência, a falta de acesso à saúde, a transfobia, o abuso sexual, entre outros. Esse foi um tema escolhido pela autora para que sua escrita pudesse contribuir na luta pelos direitos desses grupos e diminuir os preconceitos e estereótipos que giram em torno deles.

Desde que se iniciou a produção do livro, recebeu-se estímulos e a aprovação de muitos que tomavam conhecimento do tema. O assunto, tabu na sociedade, levanta a curiosidade do público em geral, mas precisa urgentemente ser tratado com maior dignidade. A cada olhar curioso que se conquistava ao abordar o tema, maior era a sensação de responsabilidade que se carregava em mãos.

*Além do sexo – A realidade da prostituição no Brasil* é um livro que traz para o conhecimento do público a realidade negligenciada desses personagens. Com a expectativa única de conhecê-los, as histórias ali narradas atraem e chocam, fazem com que o movimento das lutas pela legalização da profissão não seja algo abstrato e subjetivo. O ato de narrar essas vidas coloca rostos e sentimentos na luta em prol desses indivíduos, os humaniza e aproxima a sociedade de suas realidades e histórias de vida.

Para a autora, a experiência de escrever o livro foi de profundo crescimento pessoal e profissional, principalmente por buscar uma nova escrita, vez que já produziu contos e romances. Um livro-reportagem, porém, foi a primeira vez. Foi comum ouvir de professores e colegas que fora escolhido o caminho difícil para a formatura. De fato, escrever sobre prostituição não é um trajeto fácil. É preciso ter obstinação para conseguir as fontes e muito tato para estabelecer um vínculo de confiança com elas. Foi exatamente essa dificuldade, no entanto, este desafio de buscar as fontes, de realizar as entrevistas e produzir os textos que fizeram o livro e que fez dessa experiência uma verdadeira experimentação do que, talvez, seja o mais importante processo do jornalismo: a apuração.

Fazer um livro-reportagem não impede ou blinda a pressão social. Diversas vezes, ao escolher fontes, priorizar dados, abordar diferentes faces de um fato, a autora precisou saber filtrar muito bem as informações, e, ao escrever sobre um tema complexo, foram vários os momentos em que se viu diante de dilemas éticos. A curiosidade em entrevistar os familiares e conhecidos que eram citados pela fonte ou em se aprofundar mais em um tema que em outro e parecer que determinado aspecto tivesse mais importância que os demais eram riscos em relação a possíveis fugas do tema, o que foi evitado a todo custo.

A vontade de saber detalhes sobre os momentos mais sofridos e sombrios das biografias dessas pessoas tão marginalizadas, com o intuito de enriquecer a narrativa, se via impotente diante da necessidade de se respeitar até onde a fonte pode e está disposta a ir quando se trata da divulgação de informações pessoais e íntimas, nesse caso, experiências traumáticas que só a elas pertenciam.

Apesar disso, conhecer essas pessoas abriu os olhos para uma realidade com a qual, até então não se tinha contato. Uma grata surpresa foi a abertura e simpatia de cada uma dessas fontes, que desde o primeiro contato se mostraram extremamente solícitas e interessadas em cooperar para que o mundo as conheça melhor.

O sentimento que fica é o de que essa jornada se mostrou extremamente recompensadora, por todo o aprendizado e desenvolvimento humano proporcionado. A autora, que sempre teve gosto pela escrita, se sentiu realizada por descobrir histórias e contá-las como forma de despertar o conhecimento a respeito desse grupo entre os leitores. Muitas vezes, quando finalizava uma entrevista, precisava se sentar e pensar por alguns minutos para absorver tudo que ouvira. Houve momentos que chegou a chorar lendo tudo que era passado, pensou em desistir diversas vezes, mas persistiu, firme. Esses momentos de profunda imersão no universo dos entrevistados lhe trouxeram aprendizado não só como profissional, mas principalmente enquanto ser humano.

Mesmo trilhando um caminho difícil, a autora se vê orgulhosa do resultado final. O esforço feito para realizar um trabalho ético, que tratasse a delicadeza do tema com respeito e dignidade. E a sensação final é a de dever cumprido.

## Referências bibliográficas

AFONSO, Mariana & SCOPINHO, Rosemeire. **Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão**. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: desafios atuais do feminismo. Florianópolis: 2013. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372969868\\_ARQUIV\\_O\\_versaofinalparafazendogenero.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372969868_ARQUIV_O_versaofinalparafazendogenero.pdf). Acesso em: 20 de outubro de 2021

ANTRA. **Assassinatos**. Boletins 2020. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

BAND. Prostituição. In: **A Liga**. 2010. Disponível em: [A Liga - Prostituição - Band -15/0610 Parte 1](#). Acesso em: 1 de novembro de 2021

BEZZERA, Juliana. **Judaísmo**. Toda Matéria. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/judaismo/>. Acesso em: 1 de novembro de 2021

**BÍBLIA SAGRADA**. São Paulo: Pastoral, 2002

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. 1940. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10609667/artigo-230-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. Ática: São Paulo: 2007.

CÂMARA MUNICIPAL: a voz da cidadania. **Profissionais do sexo denunciam falta de estrutura para atender casos de violência**. Belo Horizonte: 2019. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2019/09/profissionais-do-sexo-denunciam-falta-de-estrutura-para-atender-casos>. Acessado em: 13 de outubro de 2021

CARVALHO, Leandro. História da Igreja Católica. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/influencia-igreja-historia.htm>. Acesso em 1 de novembro de 2021.

CASTRO, Davi & SOUZA, Janara. **Agenda-setting e internet: uma análise da produção científica brasileira na área da Comunicação**. In: Faculdade de Comunicação. Universidade de

Brasília, Brasil. UnB: 2013. Disponível em: <http://ec.ubi.pt/ec/14/pdf/EC14-2013Dez-04.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: UnB, 2010.

CAVICCHIOLI, Giorgia. **37% dos estupros na família em SP aconteceram dentro do casamento**. São Paulo: 2017. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/37-dos-estupros-na-familia-em-sp-aconteceram-dentro-do-casamento-04122017>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

CAZZARÉ, Marieta. **Transexuais: descoberta sobre gênero e identidade começa na infância**. In: Agência Brasil. Brasília: 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/transexuais-descoberta-sobre-genero-e-identidade-comeca-na-infancia>. Acesso em: 10 de outubro de 2021

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo**. Alínea: Campinas, 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

FELIX, Helena. **SACERDOTISA DO AMOR**. 2008. Disponível em: <http://sagrado-feminino.blogspot.com/2009/05/sacerdotisa-do-amor.html?m=1>. Acesso em: 18 de outubro de 2021

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04\\_codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04_codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso em: 1 de outubro de 2021

FERNANDES, Daniela. Mais de 40 milhões se prostituem no mundo, diz estudo. In **BBC News**. Paris: 2012. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118\\_prostituicao\\_df\\_is](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is). Acesso em: 20 de setembro de 2021.

FERREIRA, Matheus. **Prostituição é crime no Brasil?** Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://mateusfadv.jusbrasil.com.br/artigos/885888242/prostituicao-e-crime-no-brasil>. Acesso em: 13 de outubro de 2020

FERREIRA, Rosa Maria Fischer. **Meninos de rua: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo**. São Paulo: Poligráfica LTDA: 1979.

G1 Minas Gerais. **Cerca de 90% das travestis e transexuais do país sobrevivem da prostituição.** Belo Horizonte: 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/cerca-de-90-das-travestis-e-transexuais-do-pais-sobrevivem-da-prostituicao.shtml>. Acesso em: 15 de outubro de 2021

HALEO, Felipe. **Aventuras de um garoto de programa em São Paulo.** São Paulo: 2020

IMIRANTE: O estado. **Pesquisa aponta dados da prostituição no Maranhão.** Maranhão: 2008. Disponível em: <https://imirante.com/maranhao/noticias/2008/06/05/pesquisa-aponta-dados-da-prostituicao-no-maranhao.shtml>. Acesso em: 12 de outubro de 2021

JORNAL Minas. Lendas e histórias de Dona Beja em Araxá. In **Rede Minas.** Minas Gerais: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1fzgc414-1Y> . Acesso em: 1 de outubro de 2021

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Manoel, 2004.

LIRA, Margaret; RODRIGUES, Vanda; RODRIGUES, Adriana; COUTO; GOMES, Telmara; GOMES, Nadirlene; DINIZ, Normélia. **Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta.** In Revista do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Texto & Contexto Enfermagem. Vol. 26, n. 3. Santa Catarina: 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Fq8Cg6F7bcbZRNhxFqKTMTR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

MACEDO, Nat. **90% da população trans no Brasil tem prostituição como fonte de renda.** Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <http://edicaodobrasil.com.br/2021/05/28/90-da-populacao-trans-no-brasil-tem-prostituicao-como-fonte-de-renda/>. Acesso em: 14 de outubro de 2021.

MAZZIEIRO, João Batista. **Sexualidade criminalizada:** prostituição, lenocínio e outros delitos. In: Revista Brasileira de História. Vol. 18, n. 35. Associação Nacional de História (ANPUH). São Paulo: 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/vjRrbBPCGpstSPVXz8wBHMP/>. Acesso em: 20 de outubro de 2021

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

NA MIRA. **Adolescência: uma fase de mudanças e descobertas**. Maranhão: 2013. Disponível em: <https://imirante.com/namira/brasil/noticias/2013/10/16/adolescencia-uma-fase-de-mudancas-e-descobertas.shtml>. Acesso em: 10 de outubro de 2021

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **The spiral of silence: public opinion - our social skin**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Felipe. Mulheres que perderam emprego na pandemia recorrem à prostituição em SP. In **TAB Uol: Repórteres na rua em busca da realidade**. São Paulo: 2021. Disponível em: mais em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/19/desempregadas-pela-pandemia-mulheres-recorrem-a-prostituicao-em-sao-paulo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 27 de setembro de 2021

PONTES, Júlia Clara, SILVA, Cristiane E NAKAMURA, Eunice. **“Crianças” e “Adolescentes” trans. A construção de categorias entre profissionais de saúde**. In Revista eletrônica: Sexualidad, Salud y Sociedad. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). Vol. 35. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/jRxb9mp35zpMkCTyZgsTcwj/>. Acesso em: 11 de outubro de 2021

ROSA, Ernesto. **Dona Beja de Araxá**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TOGZwe7otQk>. Acesso em: 1 de outubro de 2021

SILVA, Daniel Neves. O que foi a revolução industrial?. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-revolucao-industrial.htm>. Acesso em 1 de novembro de 2021.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Sumos, 1986.

UOL. **História do batom vermelho**. 2021. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2021/04/06/772\\_historia-do-batom-vermelho.html](https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2021/04/06/772_historia-do-batom-vermelho.html). Acesso em: 18 de novembro de 2021



VEIGA, Edilson. O mistério sobre quem realmente foi Maria Madalena. **In BBC News**. Milão: 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43381775>. Acesso em: 13 de outubro de 2021

ZAREMBA, Júlia. Maioria das mulheres não denuncia agressor à polícia ou à família, indica pesquisa. **In Folha de São Paulo**. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/maioria-das-mulheres-nao-denuncia-agressor-a-policia-ou-a-familia-indica-pesquisa.shtml>. Acesso em: 12 de outubro de 2020.

## **Anexos**

### **Anexo 1 – Autorização para postagem no repositório**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO  
INSTITUCIONAL  
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário  
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010  
Goiânia | Goiás | Brasil  
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)  
3946.3080  
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

### RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

#### Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante: Maria Eduarda Aires Guimarães Figueiredo Borba

do Curso de Jornalismo, matrícula 20181012701272,

telefone: (62) 998275314 e-mail: [duda\\_dada.aires@hotmail.com](mailto:duda_dada.aires@hotmail.com), na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Além do sexo: A realidade da prostituição no Brasil gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de Novembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es): \_\_\_\_\_

Nome completo do autor: Maria Eduarda Aires Guimarães Figueiredo Borba

Assinatura do professor-orientador:

Nome completo do professor-orientador: Rogério Pereira Borges